

Título original do artigo: *Brief Comments on Romans 7*

Autor: E. J. Waggoner

Publicado em: 17 e 24 de junho de 1886 no *Signs of the Times*

Tradução: biblioteca1888.org

Artigo original (inglês): <https://m.egwwritings.org/en/book/1539.718#730>

Áudio do artigo em português: <https://youtu.be/og9TahM5zQM?si=hUZYYeBpR4qlEQuc>

ROMANOS 7, BREVES COMENTÁRIOS

O sétimo capítulo de Romanos pode ser considerado uma expansão de **Romanos 6:14**. É um argumento magistral em defesa da santidade e perpetuidade da lei, e é ainda mais forte porque a natureza ou a perpetuidade da lei não são o assunto em discussão. O apóstolo demonstra, nos capítulos 6 e 7, o que é a verdadeira vida cristã e como alguém se torna cristão. As referências à lei são, podemos dizer, incidentais, e mostram como é impossível ignorá-la ao falar da experiência cristã. Daremos a este capítulo uma breve exposição, detendo-nos apenas nas partes que são frequentemente mal compreendidas pelo leitor casual.

Já mostramos, a partir de **Romanos 6:14; Gálatas 5:18-23; Gálatas 4:4-5; e Gálatas 4:21-31**, que "sob a lei" indica uma condição de condenação por causa do pecado; e que as pessoas são libertadas da lei, ou redimidas da sua condição, somente pela fé em Cristo, pela qual são, a partir de então, capacitadas a cumprir as suas justas exigências. Neste capítulo, o apóstolo retoma a figura da vida e da morte, introduzida no sexto capítulo, representando aquele que ainda está sob a condenação da lei como estando vivo, e o justificado como estando morto. A relação do homem com seus pecados, com a lei e com Cristo é inicialmente ilustrada por um exemplo que citamos:

Diz o apóstolo: **“Irmãos, não sabeis (pois falo aos que conhecem a lei) que a lei tem domínio sobre o homem enquanto ele vive? Porque a mulher casada está ligada pela lei ao marido enquanto ele vive; mas, se o marido morrer, ela está livre da lei do marido. De modo que, enquanto o marido vive, se ela se casar com outro homem, será chamada adúltera; mas, se o marido morrer, ela está livre dessa lei, de modo que não é adúltera, ainda que se case com outro homem?”** (Romanos 7:1-3).

Nesta ilustração, temos quatro termos: a mulher, seu primeiro marido, seu segundo marido e a lei. A lei diz: “Não cometerás adultério”, definindo assim o casamento como a união entre um homem e uma mulher. Tal união é sancionada pela lei. A lei não apenas sanciona tal

união, mas também vincula as partes durante toda a vida. Enquanto o marido vive, a lei mantém a mulher ligada a ele; mas quando o marido morre, então, naturalmente, a união chega ao fim. Ora, diz o apóstolo, ela pode casar-se com outro homem e não será adúltera, porque está livre da lei que a prendia ao seu primeiro marido. Como ela foi livre dessa lei? Pela morte do marido, que tornou impossível qualquer união posterior. Mas a própria lei mudou em algum aspecto? De forma alguma: ela desempenha a mesma função que desempenhava antes. A lei vincula a mulher ao segundo marido da mesma forma que vinculava ao primeiro; e se, enquanto o segundo marido vive, ela se casar com um terceiro, a lei a condenará como adúltera da mesma forma que a condenaria se ela tivesse se casado com o segundo marido enquanto o primeiro ainda estava vivo. Assim, vemos que a lei é a única coisa que permanece inalterada. Agora leia a aplicação:

“Portanto, meus irmãos, vocês também morreram para a lei por meio do corpo de Cristo, para se unirem a outro, àquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que produzamos frutos para Deus. Porque, quando estávamos na carne, as paixões do pecado, que eram pela lei, operavam em nossos membros para produzir frutos para a morte. Mas agora fomos libertos da lei, estando mortos para ela, na qual estávamos presos, para servirmos em novidade de espírito e não na velhice da letra.” Romanos 7:4-6.

Aqui, como na ilustração, temos quatro partes, a saber: o homem, seus pecados, Cristo e a lei. Em primeiro lugar, o homem está unido aos seus pecados. Isso ocorre quando ele está “na carne”, sob a lei (**Gálatas 5:17-18**) e incapaz de agradar a Deus (**Romanos 8:7**). Aqui está uma união na qual a lei o mantém preso. **“Pois, quando estávamos na carne, as paixões do pecado, que eram pela lei, operavam em nossos membros para produzir fruto para a morte.”** O apóstolo diz que os pecados eram “pela lei”. Isso é o mesmo que “onde não há lei, não há transgressão”. Se não existisse lei, não poderia haver pecado e, portanto, Paulo diz que as paixões do pecado eram pela lei. “A força do pecado é a lei.” Agora, dizemos que a lei mantém o homem preso nessa união com o pecado. Isso não significa que a lei se alegra em ter o homem como pecador; nada disso. A lei não tem escolha. Por sua própria ação voluntária, o homem transgrediu a lei e, assim, tornou-se um pecador, e agora a lei nada pode fazer senão declará-lo como tal. Se o homem, por medo das consequências de seus pecados, ou por qualquer outro motivo, desejar escapar dessa união, não poderá. A lei ainda reitera: “Você é um pecador”. Se a lei pudesse morrer, ou ser anulada, então o homem que a cumprisse seria livre; mas isso não pode acontecer.

Há, no entanto, uma maneira pela qual o homem pode ser libertado da irritante escravidão do pecado, se ele sentir que é uma escravidão irritante, e isso é através da fé na morte e ressurreição de Cristo. Ele pode ser **“justificado gratuitamente pela Sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus; a quem Deus propôs como propiciação pela fé no Seu sangue, para declarar a Sua justiça pela remissão dos pecados já cometidos, para a paciência de Deus.” (Romanos 3:24-25)**. Quando “a justiça de Deus, que vem pela fé em Jesus Cristo”, foi imputada ao homem, a lei não mais o chama de pecador. Ele está justificado, liberto do corpo do pecado.

Mas essa libertação do pecado, e a consequente libertação da condenação da lei, só foi alcançada por meio de Cristo. **“Portanto, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo. E tudo provém de Deus” (2 Coríntios 13:13 e 5:17-18)**. Agora o homem está unido a Cristo, e pela mesma lei que antes o considerava pecador. Enquanto ele estava na carne, a lei não reconhecia sua justiça; agora que ele está em Cristo, a mesma lei testemunha a sua justiça. A lei permanece a mesma; apenas o homem mudou.

Observe o paralelo entre a ilustração e a aplicação. A lei prende a mulher ao marido. Ela não pode escapar dessa união, mesmo que lhe seja desagradável. Mas o marido morre, e ela é uma mulher livre, podendo legalmente casar-se com outro homem. Assim, o homem está unido ao pecado, e a lei, fiel a si mesma, o responsabiliza por isso. Mas por Cristo, o corpo do pecado é destruído; e agora o homem, livre do pecado, está unido a Cristo, e a lei sanciona essa união. Assim como uma mulher não pode legalmente estar unida a dois maridos ao mesmo tempo, ninguém pode estar unido ao mesmo tempo aos seus pecados e a Cristo. **“Não podeis servir a Deus e a Mamom.” (Mateus 16:24)**. A união com Cristo enquanto estamos em pecado é impossível; e se, professando o cristianismo, uma pessoa ainda se apegava ao pecado, ela é culpada de adultério espiritual. **“Adúlteros e adúlteras, não sabeis que a amizade com o mundo é inimizade com Deus?” (Tiago 4:4)**. A lei não sanciona tal união.

O leitor pode, no entanto, pensar que detecta uma falha em nosso raciocínio, porque na aplicação o apóstolo nos diz que temos que morrer para nos unirmos a Cristo. Isso, dirá ele, não é um paralelo exato ao caso de uma mulher cujo marido morre para que ela possa se unir a outro. A dificuldade é apenas aparente, não real. O paralelo é tão próximo quanto qualquer paralelo pode ser. Na ilustração, o marido morre e, assim, a mulher pode se unir a outro. Agora, se considerarmos um caso em que a mulher morreu com seu primeiro marido e depois ressuscitou, unindo-se assim a outro, temos um paralelo exato com o caso do pecador que é

libertado do pecado e unido a Cristo. O caso é de importância suficiente para justificar uma investigação mais detalhada. Os versículos a seguir contêm todo o argumento:

“Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde? De modo nenhum! Nós, que para o pecado estamos mortos, como podemos continuar vivendo nele? Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? De sorte que fomos sepultados com ele na morte pelo batismo, para que, assim como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos uma vida nova. Porque, se fomos unidos a ele na semelhança da sua morte, certamente o seremos também na semelhança da sua ressurreição. Sabemos que o nosso velho homem foi crucificado com ele, para que o corpo do pecado seja destruído, e não mais sirvamos ao pecado. Pois quem morreu está justificado do pecado.” (Romanos 6:1-7).

“O salário do pecado é a morte.” (Romanos 6:23). A lei exige a morte de todo pecador. Mas **“Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” (João 3:16).** Pois Cristo **“levou em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para o pecado, vivamos para a justiça.” (1 Pedro 2:24).** Pelo batismo, demonstramos nossa fé na morte e ressurreição de Cristo e nossa aceitação dele como propiciação pelos nossos pecados. De fato, pelo batismo somos unidos a Cristo: **“Todos vós que fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo.” (Gálatas 3:27).** Mas somos batizados em Cristo, sendo “batizados na sua morte”. “Fomos sepultados com ele pelo batismo na morte”. E assim recebemos a pena da lei; não pessoalmente, mas figurativamente. Cristo sofreu pelo pecado; e se estamos “nele”, também somos considerados como tendo recebido a pena. E, visto que é pelo batismo que nos unimos a Ele, morremos para a lei e nos unimos a Cristo ao mesmo tempo.

“Mortos para a lei.” O que o apóstolo quer dizer com essa expressão? Simplesmente que nós (em Cristo) recebemos a pena da lei, e que agora ela nos considera mortos. Para ilustrar: um homem culpado de roubo é condenado pela lei a anos de prisão. Ele cumpre sua pena e então é libertado. Agora ele não teme a lei. Ele pode entrar com confiança no tribunal e até mesmo na prisão, pois sabe que, tendo recebido a pena por seu crime, a lei não o perturbará. Agora, vamos um pouco além na ilustração: um homem comete um assassinato e é condenado à morte. Quando ele é executado, a lei é satisfeita. Suponhamos agora que fosse possível para o homem voltar à vida. Tendo recebido a pena completa da lei, ele é, no que diz respeito à sua

ofensa passada, considerado pela lei como um homem morto. Assim é a relação do pecador com a lei de Deus. Ela o condenou à morte. Em Cristo, ele recebeu a pena de morte, e agora que ressuscitou para viver uma nova vida, a lei o considera um homem morto. Ele agora é um novo homem; o homem que pecou está morto, e o homem que toma o seu lugar evita as coisas que o homem anterior fazia, e portanto a lei o declara justo. Em harmonia com a citação e explicação acima, estão as seguintes palavras:

“Portanto, se ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas de cima, e não nas coisas terrenas. Porque já morrestes, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus.” (Colossenses 3:1-3).

Leia também a seguinte declaração do mesmo apóstolo: **“Estou crucificado com Cristo; e já não vivo eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo no corpo, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim.” (Gálatas 2:20).**

Agora, por que foi necessário passarmos por esse processo de morte e ressurreição para uma nova vida? Porque carregamos sobre nós o fardo do pecado do qual não poderíamos nos libertar de outra forma. Nos livramos desse corpo de pecado por esse meio? Sim; ouçam o apóstolo: “Sabendo isto: que o nosso velho homem foi crucificado com ele, para que o corpo do pecado seja destruído, e não mais sirvamos ao pecado. Pois quem morreu está justificado do pecado.” O corpo do pecado era o primeiro marido. Ficamos enojados com essa união e desejamos nos unir a Cristo, mas não podíamos enquanto o primeiro marido estivesse vivo; e para que esse marido morresse, nós mesmos tínhamos que morrer. Por ora, ambos estão mortos; então ressuscitamos para nos unirmos a Cristo em uma nova vida, porque o primeiro marido, o velho homem, o corpo do pecado, permanece morto. Enquanto esse corpo do pecado permanecer morto, nós, embora vivos em Cristo, estamos mortos aos olhos da lei. Mas se, em algum momento, o velho homem voltar à vida por nossa causa, retornando aos nossos antigos pecados, nesse instante a lei nos condenará como adúlteros.

O restante do **sétimo capítulo de Romanos** é um relato vívido dos passos que levam o pecador a odiar o pecado ao qual estava preso e à sua libertação dele. Não se trata, como alguns supõem, de uma experiência cristã; é simplesmente o relato da experiência de um homem que passa de um estado de pecado, por meio da convicção, a uma nova criatura em Cristo. Vale a pena estudá-lo um pouco, para que possamos aprender mais sobre a relação da lei com o pecador.

O apóstolo declara inicialmente **(versículo 7)** que a lei não é pecado; isso é comprovado pelo fato de que ela aponta para o pecado. Sem a lei, ele não poderia ter sabido o que era pecado. **“Mas o pecado, aproveitando-se do mandamento, despertou em mim toda sorte de concupiscências; porque sem a lei o pecado estava morto.” (versículo 8).** Aqui, o pecado é considerado uma pessoa, produzindo todo tipo de mal no coração. E, como sem a lei não haveria pecado, ele diz que o pecado aproveitou-se do mandamento. No versículo seguinte, ele incorpora essa ideia e a desenvolve ainda mais. Ele diz:

“Pois outrora eu vivia sem a lei; mas, quando veio o mandamento, o pecado reviveu, e eu morri.” (versículo 9).

A primeira parte deste versículo nos apresenta um retrato da segurança carnal. É a confiança do homem insensível ao perigo. “Sem a lei” significa que a lei não havia sido incutida pelo Espírito em seu coração. Muitos homens que leram os Dez Mandamentos dezenas de vezes nunca os sentiram sondando seus corações. Portanto, seu caminho é reto aos seus próprios olhos, e eles se sentem seguros. Uma mente tranquila não é, de forma alguma, garantia de aceitação diante de Deus. Foi o esquecimento ou a ignorância desse fato que causou tantos problemas a Davi. **(Salmo 73)**. Ele viu os ímpios completamente à vontade, e que não havia laços nem mesmo em sua morte. Mas, quando soube do destino deles, descobriu que tal condição não é invejável.

Mas assim que uma aplicação pessoal da lei é feita ao coração, o pecado se destaca com ousadia. “Quando o mandamento veio, o pecado reviveu.” A lei não criou o pecado; simplesmente trouxe à sua visão aquilo que já existia. Uma sala pode estar muito empoeirada e suja, mas se estiver escura a sujeira não aparecerá. Mas deixe uma luz brilhante entrar, e a sujeira se tornará muito perceptível. Assim, a lei de Deus ilumina os cantos escuros do coração e revela a depravação interior.

Quando isso aconteceu, diz Paulo, “eu morri”. Ele não se refere aqui à morte para o pecado, pois o versículo seguinte diz: “E o mandamento que era para a vida, descobri que era para a morte”. A lei lhe mostrara que era um pecador, e “o salário do pecado é a morte”; portanto, ele se sentia praticamente morto. Ele não morreu de fato, mas fala como se o inevitável já tivesse acontecido. Da mesma forma, o Senhor disse a Abimeleque, que havia tomado a mulher de Abraão: **“Tu és como um homem morto.” (Gênesis 20:3).** **“Porque o pecado, aproveitando-se do mandamento, me enganou e por meio dele me**

matou.” (Romanos 7:11). O pecado é enganoso; Ele se apresenta com uma aparência agradável, de modo que, para o desavisado, parece bom. Mas, sob sua aparência agradável, carrega uma arma que fere mortalmente todos os que entram em contato com ele.

Apesar de tudo o que a lei havia revelado a Paulo, ele podia dizer: **“Portanto, a lei é santa, e o mandamento santo, justo e bom” (Romanos 7:12).** Ele defenderia a dignidade da lei e a protegeria de toda culpa por sua deplorável condição atual. Embora tivesse dito antes que a lei, ordenada para a vida, ele descobriu ser para a morte, ele insiste que não foi a lei — “aquilo que é bom” (**versículo 13**) — que se tornou morte para ele, mas sim o pecado que o condenou à morte, e que o mandamento simplesmente fez com que o pecado “se tornasse extremamente pecaminoso”. Feliz é o pecador desperto que vê a lei sob essa perspectiva. Tal pessoa está “perto do reino dos céus”. Infelizmente, muitos se revoltam contra a lei, como se ela fosse a causa de sua condição de perdidos, e então, como se pudessem evitar o perigo fechando os olhos, se afastam da lei e recaem em seu antigo estado de falsa segurança.

“Pois sabemos que a lei é espiritual; eu, porém, sou carnal, vendido ao pecado. Não aprovo o que faço; porque não faço o que quero, mas o que detesto, isso faço.” (Romanos 7:14-15).

Mais uma vez, devemos alertar o leitor para que não suponha que, nesses versículos, Paulo esteja relatando uma experiência cristã. Até este ponto, ele mostrou como uma pessoa é convencida do pecado. Ele relatou a experiência de alguém que, quando a lei o convence do pecado, não se afasta da luz, mas deseja sinceramente obedecer. Agora, ele prossegue relatando a experiência de alguém sob convicção, até ser libertado em Cristo. Ele usa a primeira pessoa e o presente do indicativo para tornar a narrativa mais vívida, ao retratar a luta do pecador pela liberdade. Isso já foi uma realidade para ele, e é a experiência pela qual todos passam, embora com diversas modificações, antes de encontrarem a paz com Deus.

“Vendido ao pecado.” Essa ideia é explorada em muitos lugares. Pedro diz que o pecador está **“em cativeiro” (2 Pedro 2:19)**. Paulo diz que ele está em cativeiro **“aos princípios elementares fracos e pobres deste mundo.” (Gálatas 4:3, 9)**. Ele é escravo do pecado (**Romanos 6:16, 17**). Em um artigo futuro, veremos o argumento apresentado em termos ainda mais fortes. A ideia é que o pecador é impotente. Ele pode **“concordar com a lei, reconhecendo que ela é boa” (versículo 16)** e pode, com a mente, servir à lei de Deus (**versículo 25**); isto é, ele pode desejar obedecê-la, mas o pecado o domina e ele é forçado a servir à lei do pecado, ou seja, aos seus hábitos pecaminosos naturais. Como Paulo diz em outro lugar: **“Os que estão na carne não podem agradar a Deus” (Romanos**

8:7). “A carne luta contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e estes se opõem um ao outro; por isso não podeis fazer o que quereis.” Gálatas 5:17.

Esta é a condição do pecador desperto. Ele quer fazer o bem, mas o mal está presente nele, de modo que ele faz exatamente aquilo que resolveu não fazer. A carne é depravada, não tendo nela nada de bom, de modo que, embora ele possa decidir fazer o bem, não encontrará em si força para cumprir sua determinação. O problema é que o pecado habita nele; nunca foi morto.

Imaginemos um homem acorrentado, com um cadáver preso a ele por uma forte corrente. Ele tem plena consciência da gravidade da situação e sabe que a morte é o resultado inevitável. A cada dia, o fardo que o prende torna-se mais nocivo, e o ar se torna pútrido. Imagine o terror desse homem ao contemplar a aproximação constante e certa de uma morte horrível, e imagine seu desespero ao perceber que todos os seus esforços frenéticos para escapar da causa repugnante dessa morte são em vão. Seria impossível para a imaginação descrever os sentimentos de horror e desespero que tomariam conta da alma desse infeliz. Essa era a condição em que Paulo se encontrava. O pecado pesava sobre ele como um fardo terrível; ele sabia que, a menos que se livrasse dele e levasse uma vida de retidão, seria condenado à perdição; e descobriu que seus esforços mais desesperados para se livrar do pecado e praticar o bem que tanto almejava eram inúteis. Foi a lei que lhe revelou sua condição. À medida que continua a examinar essa lei sagrada, seu pecado torna-se cada vez mais repugnante para ele, e quanto mais examina, maior e mais revoltante se torna o fardo do pecado. O que ele fará? Deverá afundar na perdição? Na agonia do seu desespero, ele clama: “Miserável homem que sou! Quem me livrará deste corpo de morte?” Mesmo enquanto profere esse lamento por ajuda, a ajuda aparece, e ele imediatamente responde à sua própria pergunta: “Dou graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor”. Ele encontrou paz e descanso em Cristo. Sua condição agora é apresentada nas seguintes palavras — uma experiência cristã:

“Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito. Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte. Pois o que a lei era incapaz de fazer, por estar enfraquecida pela carne, Deus, enviando seu próprio Filho em semelhança da carne pecaminosa, como oferta pelo pecado, condenou o pecado na carne, para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito.” Romanos 8:1-4.

“Já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus”, porque são novas criaturas. Não são aqueles contra quem a lei tinha uma acusação tão terrível. Os condenados morreram, foram crucificados com Cristo, e agora, embora vivam, já não são eles, mas Cristo que habita neles. Antes o pecado habitava neles; agora Cristo tomou o seu lugar.

O **versículo 2** é um paralelo com **Romanos 3:21, 22**. A justiça de Cristo, imputada ao pecador, o liberta do pecado e do medo da morte. Por muito tempo, ele pode ter tentado se justificar, mas descobriu que suas melhores obras estavam tão aquém do que a lei exige que, por si só, seriam suficientes para arruiná-lo. Mesmo que ele pudesse ter cumprido as exigências da lei, isso não teria removido a transgressão passada. O que a lei não pode fazer é tornar um pecador justo. Isso não se deve a qualquer falha da lei, mas unicamente à fraqueza da carne. A lei aponta a doença e mostra qual seria o estado de saúde ideal; então, o homem inicia uma luta ineficaz para alcançar esse elevado estado; a lei o incita até que ele perceba que não tem poder para realizar seu desejo; e quando perde toda a confiança em si mesmo, aceita Cristo como a única fonte de ajuda e, imediatamente, torna-se livre. Assim, a lei leva o pecador a Cristo para que Cristo o liberte de seus pecados passados e o capacite a cumprir a lei.